

## UM SANTO ESPETÁCULO: A MÚSICA EVANGÉLICA COMO PRODUTO MERCADOLÓGICO E A ESPETACULARIZAÇÃO E DIVINIZAÇÃO DE SEUS ARTISTAS

Luiger Andrade Cavalcanti de Lima<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta uma análise da importância e surgimento da música nas celebrações religiosas, suas origens e o papel do músico e de artistas cristãos envolvidos na obra religiosa. A primeira parte aborda o surgimento da música nas celebrações religiosas e a sua aplicação nos cultos cristãos. Desse modo, o processo evolutivo musical, com seus principais compositores e representantes é abordado, criando assim, um ponto de partida desde o surgimento dos músicos e artistas no contexto bíblico até o cenário musical religioso atual. Em sequência, o comportamento dos músicos e artistas religiosos é analisado, abordando as diversas questões conflitantes entre suas atitudes em face dos seus deveres eclesiais. Além disso, trata do mercado musical religioso contemporâneo brasileiro, comparando as diferenças e similitudes existentes entre ele e o mercado fonográfico não religioso, justificando estas diferenças através de dados recentes de alguns eventos acontecidos. Portanto, o papel e a responsabilidade dos artistas envolvidos no culto cristão devem ser ponderados, haja vista, a responsabilidade destes no desenvolvimento dos cultos e celebrações cristãs.

**Palavras-chave:** História da música. Mercado musical cristão. Chamado ministerial.

### ABSTRACT

This paper presents an analysis of the appearance and importance of music in religious celebrations, its origins and the role of the musician and Christian artists involved in religious work. The first part deals with the appearance of music in religious celebrations and its application in Christian services. Thus, the musical evolutionary process, with its main composers and representatives is approached, thus creating a starting point since the appearance of musicians and artists in the biblical context to the current religious music scene. In sequence, the behavior of musicians and religious performers is analyzed by addressing the various conflicting issues between their attitudes in the face of their ecclesiastical duties. Furthermore, deals with contemporary Brazilian religious music market, comparing the differences and similarities between it and the non-religious music market, justifying these differences through recent data for some events happened. Therefore, the role

---

<sup>1</sup>Graduando em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória.

and responsibility of the artists involved in Christian worship should be considered, given the responsibility of the development of cults and Christian celebrations.

**Keywords:** Music history. Christian music market. Ministerial calling.

## INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade a música é parte insubstituível de celebrações religiosas diversas, sejam elas cerimônias pagãs ou cristãs. Circunscreve-se nela também levar as orações, os cânticos e as lamentações dos envolvidos aos seus deuses. Dessa maneira, o culto cristão foi também desenvolvido, tendo o louvor – a parte musical do culto cristão – como o momento em que a música, segundo os fiéis, os conduz à adoração, à comunhão e à reflexão. Embalados por belas melodias, canções ritmadas ou brandas – dependendo do momento e da intenção – os participantes do culto deixam-se conduzir pela música. Todavia, conforme os cristãos, o músico às vezes não compreende sua responsabilidade e importância nesse processo. Muitas vezes ele, movido por um coração de artista, preocupa-se apenas em dar um bom espetáculo para aqueles que o assistem e assim não percebe a responsabilidade de sua atuação. Desse modo, não faz o músico ou os artistas cristãos de maneira em geral, uma distinção entre um espetáculo de música e um culto religioso.

A igreja cristã contemporânea afirma reconhecer a importância dos músicos cristãos, contudo, os músicos que fazem parte dessa realidade queixam-se de que a igreja não tem dado o devido suporte a eles. Eles justificam seus argumentos relatando que ela, por ter como referência velhas doutrinas e costumes culturais e religiosos, muitas vezes acaba por dificultar o acesso dos artistas e também dos aspirantes a artistas a liturgia e ao culto em si, causando desse modo, certa apatia nos envolvidos. Por outro lado, é dado que o mercado musical cristão vem crescendo ano após ano, onde cantores, cantoras e bandas de músicas religiosas cristãs são tratados como autênticos *rock-stars*, com mega-produções, cachês astronômicos e exigências absurdas para a realização de seus shows.

Todavia, segundo os costumes cristãos, que têm em Jesus Cristo o exemplo a ser seguido, nota-se uma falta de humildade por parte dos músicos e artistas cristãos de modo geral; com um egocentrismo exagerado e uma necessidade evidente de popularidade que muitas vezes, sugere certo grau de insensatez. Pastores e líderes cobrando ingressos para seus cultos de evangelismo e adoração; artistas e cantores que só louvam se previamente pagos

forem, são comportamentos não condizentes com as doutrinas religiosas cristãs, segundo aqueles que professam sua fé. Contudo, é interessante ressaltar que os artistas, quando questionados sobre esses valores justificam-nos dizendo que “todo obreiro é digno do seu salário”, usando passagens bíblicas para testificar o ato de cobrança. No entanto, ao refletirem sobre o exemplo de Jesus Cristo, seguido pelos cristãos, algumas questões são levantadas pelos seguidores: Jesus Cristo cobrou para pregar a salvação? Ele foi um homem abastado ou humilde? Fazia ele exigências absurdas para curar? São essas algumas provocações que o tema pode proporcionar.

De acordo com a Bíblia, que é o livro de normas e condutas seguido pelos cristãos, Jesus Cristo pagou com sangue o preço dos pecados da humanidade. Ordenou que se levasse o evangelho, ou seja, as boas novas, a todos os lugares do mundo, sem cobranças, afirmando que: “se de graça o recebemos, de graça o devemos dar”. Assim, segundo os cristãos, é necessária uma análise profunda de comportamentos e exageros em nome de Deus. Desse modo, segundo eles, pastores, líderes, artistas e todos os membros em geral das igrejas são fundamentais e de igual importância no culto religioso cristão.

## **BREVE HISTÓRIA DA MÚSICA**

É impossível datarmos quando a música teve sua origem, contudo, alguns estudos sugerem que a música tenha surgido há cerca de 50.000 anos; baseados em informações que sugerem que as primeiras manifestações tenham ocorrido no continente africano, espalhando-se pelo mundo à medida que os povos, ao mesmo tempo, espalhavam-se por outros continentes. Desse modo, a música ao ser produzida ou reproduzida, era influenciada diretamente pelos costumes socioculturais, as características climáticas e ainda o acesso e às informações tecnológicas que envolviam todas essas relações com a linguagem musical da época.

Dois períodos da história são muito importantes para a música e para as artes, de modo que não podemos falar de música sem citá-los. A Renascença em seu início (em meados do século XIV) foi o período em que os artistas, de maneira geral, começaram a perder o seu anonimato. Nessa época, os melhores pintores eram como heróis locais e desse modo a vida dos artistas começava a mudar, pois ricos patrocinadores adquiriam pinturas e esculturas para poderem expor em seus palácios. Nesse período, o auge da Renascença, a Igreja Católica

UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v.3, n 2, jul.-dez., 2015

Romana foi uma grande incentivadora das artes, adquirindo os produtos e solicitando os serviços dos artistas para os seus templos religiosos.

No fim dessa época, surge a ópera, que, polêmica desde o seu nascimento, era considerada absurda por alguns filósofos e músicos. Contudo, o sentimento popular era outro, eles adoravam ópera e por isso, durante três séculos, seus cantores foram os mais famosos artistas do mundo, com cachês fantásticos e suas lutas e intrigas aparecem como verdadeiros romances. As óperas eram sempre grandiosas, por isso, os trabalhadores diretos e indiretos para a sua realização eram sempre numerosos. Todavia, assim como muitas pessoas se envolviam para que o espetáculo acontecesse e o número de espectadores fosse sempre enorme, apenas o cantor e sua voz, mais um grupo de músicos, eram necessários para calar e encher de admiração àqueles que deslumbravam a nova arte. Segundo o elogio de Pahlen:

Ópera, feitiço sob forma de música, palavra mágica, harmonia de todas as artes, obra artística completa, festa dos olhos, dos ouvidos e da alma! Divertimento poético, dramático, musical. Campo de atividade de poetas, compositores, regentes, empresários, músicos, pintores, cenaristas, diretores, dançarinos...Um exército, tendo atrás outro, invisível: alfaiates, sapateiros, cabeleireiros, maquinistas, eletricitas, pontos... mas a apoteose cabe a um só: o cantor, que, para triunfar necessita de três coisas apenas: voz, voz...e voz!(PAHLEN, 1961, p.60)

Com o avanço das artes e o reconhecimento crescente das manifestações musicais dessa época, muitos músicos, cantores e compositores, surgem e transformam a forma de fazer e escrever música. Então, alguns desses compositores começam a se destacar e três deles têm contribuições notáveis nesse período da história, são eles: Guillaume de Machaut, John Dunstable e GuillaumeDufay.

Machaut foi um compositor e poeta francês do século XIV, tornou-se o principal expoente da chamada *ars nova* na música. Ele é o impulsionador da música dos séculos seguintes, com uma crescente conscientização do papel das cadências na finalização frasal musical. Ele compôs músicas seculares para seus poemas, normalmente escritas em estilo monofônico. *Ma fin est mon commencement* (Meu fim é meu começo) é uma das composições mais representativas de seu gênio inquieto.

Dunstable, no século XV, foi um dos primeiros compositores ingleses e provavelmente escreveu o primeiro acompanhamento instrumental para a música da igreja, sendo, além de músico, também matemático e astrônomo. Ele é considerado o primeiro

compositor renascentista. Foi o primeiro compositor que se conhece que teve a preocupação de preparar as dissonâncias, isto é, a forma como a música era conduzida até elas, não eram mais uma ocorrência aleatória. Também foi o responsável pela renovação harmônica na música, ao empregar sistematicamente tríades com terceiras e sextas no tratamento polifônico de suas obras. Esse estilo, também conhecido como “o falso bordão inglês”, seria o prenúncio da riqueza melódica presente em todo o renascimento.

Dufay foi um compositor do início do Renascimento, da escola franco-flamenga. Figura central da Escola da Borgonha, considerado o mais famoso e influente compositor da primeira metade do século XV e um dos nomes mais importantes do período de transição da música medieval para a renascentista. Homem de grande cultura soubera ao longo das suas numerosas viagens, assimilar as técnicas francesa, inglesa e italiana, para delas fazer uma síntese surpreendente. Criou o modelo perfeito da missa polifônica construída sobre um *Cantus firmus* (tema litúrgico ou profano que serve de base e fio condutor a toda composição), modelo cuja fecundidade se manifestou até o final do século XVI.

Durante o período chamado Romantismo, no início do século XIX, os artistas atingem seu status mais alto, sendo verdadeiramente reconhecidos pelos seus trabalhos. Eram tratados como pessoas que possuíam um dom divino, misterioso, genial. As pessoas dessa época, diziam que os artistas não pertenciam a esse mundo. Com eles existia um misto de admiração e espanto com as qualidades grandiosas dos artistas e, notados com toda essa admiração e com a criatividade que lhes era evidente, alimentavam esses sentimentos nas pessoas, pois assim ganhariam cada vez mais respeito e consideração. Nesta direção, Noland diz:

Artistas eram agora mais do que meros mortais. Pela primeira vez na história, um artista bem-sucedido tornara-se como um pesquisador, um sacerdote ou um cientista a ser rotulado de gênio. O temperamento artístico passou a ser visto como uma qualidade misteriosa e divina concedida a uns poucos capazes de fazer coisas sobre-humanas. Os artistas não eram desse mundo – as pessoas pensavam – mas de um lugar acima e além, o que explicava o fato de todos os comportamentos excêntricos, antissociais e imorais dos artistas não serem apenas tolerados como também celebrados. (NOLAND, 2009, p.12)

Dessa maneira, o artista, nesse período, percebe o seu valor. Todavia, como a genialidade tornava-se evidente, o temperamento, algumas vezes descontrolado, é demonstrado. Os artistas, de modo geral, especialmente nesse período, têm uma visão muito mais sensível do mundo, trazendo à tona todas as respostas às intervenções causadas pelas experiências cotidianas. Os artistas tendem a ser emotivos e não racionais, aprofundando-se

UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v.3, n 2, jul.-dez., 2015

em suas criações e reproduções, sem ponderar as consequências. Pode-se perceber, inclusive, que tais artistas ficam alheios a tudo e a todos enquanto mergulhados estão em seus momentos artísticos.

Com isso, as relações com os artistas requerem um prévio saber desses comportamentos por parte de seus amigos, companheiros e familiares. Muitas vezes introvertidos na vida pessoal, chegam ser considerados antipáticos, antissociais e insensíveis por aqueles que os rodeiam, mas desprovidos de qualquer timidez quando atuando estão, os artistas tornam-se verdadeiras incógnitas para aqueles que não os conhecem em sua profundidade e não podem assim, contrariando a primeira impressão deixada por eles, desfrutar de sua companhia, da amizade e da lealdade que comumente acompanham esses seres humanos.

## **BREVE HISTÓRIA DA MÚSICA CRISTÃ**

Jubal é considerado o pai da música pelos cristãos. Ele foi o primeiro instrumentista de todo o mundo e talvez em sua época ele não tivesse noção da importância de sua descoberta para o homem. Os Hebreus tinham certeza de que a música era divina, eles não aceitavam que essa expressão artística tão bela tivesse origem de mãos humanas. Por isso, eles sempre tinham um grande espaço reservado em suas cerimônias religiosas e templos para a música. Para eles, a música era indispensável, principalmente em ocasiões especiais. Haja vista que após a travessia do Mar Vermelho, cantando a vitória quando Deus tinha lançado ao mar o cavaleiro e o cavalo de Faraó, Moisés e os filhos de Israel louvaram alegremente ao Senhor.

O rei Davi foi um grande incentivador da música em Israel, afinal, ele era harpista e compositor. Sob seu comando havia no tabernáculo quatro mil músicos profissionais, sendo cantores e vários instrumentistas que tocavam alaúdes, címbalos, harpas, órgãos e flautas. Todos esses músicos eram regidos pelo levita Asafe, que além de cantor foi autor de vários salmos. Era comum nessa época que os salmos quando cantados, fossem acompanhados por diversos instrumentos musicais. Salomão, sem dúvida foi o maior compositor de música citado na Bíblia, pois além de ter escrito três mil provérbios ele compôs mil e cinco cânticos.

Segundo a Bíblia, diversos tipos de instrumentos musicais eram usados pelos Judeus. Aqueles se dividiam em três categorias: percussão, cordas e sopro. Foi Davi quem instituiu o

uso desses instrumentos e os cantores e regentes de música. “Disse Davi aos chefes dos levitas que constituíssem a seus irmãos, os cantores, para que com instrumentos músicos, com alaúdes, harpas e címbalos se fizessem ouvir e levantassem a voz com alegria.” (A BÍBLIA, 2009, 1Cr. 15: 16).

Dessa maneira, Davi instrui aos cristãos acerca de levar o evangelho de Jesus Cristo a todos os seres humanos, para que todos os povos e em todas as localidades, conhecessem e reconhecessem a importância das palavras de Jesus Cristo. Segundo Davi, essa comunicação deveria ser feita com música e celebração ao nome de Deus e, dessa maneira, demonstrando toda importância da música como ferramenta de louvor nos cultos em geral. Assim, o salmista Davi fez a sua instrução no Salmo 100 da Bíblia: “Celebrai com Júbilo ao Senhor, todas as terras. Servi ao Senhor com alegria, apresentai-vos diante dele com cânticos”.(A BÍBLIA, 2009, Sl 100: 1-2). Por esse viés, segundo os cristãos, a música tem seu lugar no culto, na evangelização e na edificação do povo de Deus, mostrando sua importância e necessidade.

O apóstolo Paulo foi também um dos incentivadores da música, ele e Silas mesmo acorrentados numa prisão em Filipos, na Macedônia, cataram e louvaram a Deus. Paulo disse que devemos ficar sempre cheios do Espírito Santo de Deus, ele diz:“falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais”(A BÍBLIA, 2009, Ef 5:19). O próprio Jesus Cristo, segundo a Bíblia, entoava cânticos de adoração durante as cerimônias religiosas, na última ceia, por exemplo, antes de saírem para o Monte das Oliveiras ele e seus discípulos cantaram um hino. É possível que tenha sido um dos salmos entre 115 e 118, que costumeiramente eram cantados por ocasião da Páscoa.

Na história da música mundial e em especial a música religiosa cristã, Johann Sebastian Bach, segundo os historiadores musicais, foi um dos maiores músicos de todos os tempos. Seu reconhecimento é notado e descrito tanto na história da música mundial, como um dos grandes gênios musicais, quanto na história da música religiosa cristã já que ele definiu alguns dos parâmetros e estilos musicais religiosos usados até os dias de hoje. Nascido em 1685, em Eisenach, pequena cidade da Turíngia na Alemanha, Bach cresceu no centro do protestantismo, que era sua crença e uma das mais fortes inspirações de sua música; o coral, expressão ideal do canto nas igrejas evangélicas atualmente, é um dos pilares fundamentais de sua obra. Ele era organista da igreja de Santo Tomás em Leipzig e em sua imensa obra, com

58 álbuns, encontram-se diversas contribuições relevantes, as quais, desde então, deixaram sua marca e seu caráter na história da música. De acordo com Pahlen,

Tudo quanto Bach criou em matéria de música religiosa foi à expressão típica da sua fé, e não há talvez prova mais forte da universalidade da sua arte que o fato de hoje os homens de todas as religiões, sem exceção, se inclinarem diante da sua música, e ressoarem as suas obras sobre a páscoa e o pentecostes tanto nas igrejas protestantes como nas católicas. (PAHLEN, 1961, P.81.)

Segundo os historiadores musicais, a música evangélica teve seu início a partir da reforma protestante, com uma influência forte da música clássica europeia, o hino *Castelo Forte*, composto por Martinho Lutero foi um marco na história musical cristã. Antes de Lutero, os hinos eram monofônicos e cantados em Latim pelos oficiais da igreja. A partir dele, o canto congregacional passa a ser realizado por todos, sem exceção, A partir dessa mudança e sendo o hino *Castelo Forte* o marco desse novo momento, Lutero é considerado o pai do canto congregacional. Para Liasch Filho,

Lutero, porém, como pregador, poeta, cantor e bom flautista, pensando que os cristãos deviam entender o que era dito na igreja, não só traduziu quase toda a Bíblia para a língua do povo, como também compôs hinos e escreveu músicas para vários cânticos em sua própria língua. *Castelo Forte*, sem dúvida, foi o maior êxito musical evangélico de todos os tempos. Ajudando Lutero a espalhar os seus ensinamentos e a consolidar a reforma, *Castelo forte* era cantado ou executado em todos os lugares, tornando-se o hino nacional da Alemanha Protestante. Até os próprios inimigos reconheciam que a música de Lutero era sucesso, pois o povo inteiro cantava, apoiando a nova doutrina.(LIASCH FILHO, 2000, p.22).

Após a abolição da escravatura em 1895 nos Estados Unidos. A música evangélica ganhou força e liberdade, com os negros podendo se reunir para entoar suas canções religiosas. Nessa época surgem três manifestações importantes musicais: as *Work-Songs*, que eram entoadas durante a jornada de trabalho; as *Gospel-Songs*, que já eram cantadas nas igrejas e cultos ao ar livre e derivavam do *Negro-Spiritual* e o *Blues*, que era caracterizado por sons melódiosos e tinha uma característica melancólica, quase como uma lamentação. Da soma dessas três manifestações mais o *Ragtime*, surge o *Jazz*. A partir de seu nascimento e suas ramificações, a música cristã evangélica ganha destaque no mundo inteiro, sendo influenciada pelas culturas e costumes locais, porque representa uma poderosa ferramenta de comunicação da palavra de Deus, segundo os cristãos. À medida que cresce a sua popularidade, à música cristã evangélica é agraciada com vários artistas cristãos sendo

UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v.3, n 2, jul.-dez., 2015



premiados com o *Grammy*, que é o maior prêmio da música mundial, demonstrando assim, toda a sua relevância para o mercado e à música mundial em geral.

## **OS ARTISTAS**

É dado que, em geral, os músicos são os artistas mais próximos e mais acessíveis a todas as pessoas, afinal, quem não conhece alguém que saiba tocar alguns acordes em um violão ou faça um batuque em qualquer lugar? A música é uma das expressões de arte mais antigas e é fato que consumimos música o tempo inteiro. Tente imaginar o mundo sem música? O que seria das rádios, propagandas, TV, filmes, festas, encontros ou mesmo celebrações religiosas? A música é tão presente em nosso mundo contemporâneo, que muitas vezes ela está ali e conscientemente não a percebemos. Por exemplo: as chamadas “música ambiente” que são tocadas em elevadores, recepções, shoppings, plataformas rodoviárias, transportes e inclusive antecedendo apresentações musicais ou teatrais.

Segundo os historiadores, em todas as comunidades e em todas as épocas os músicos sempre despertaram sentimentos de admiração e de dúvidas por parte da maioria dos membros que a compõem. Como artistas que são, sempre foram descritos como sonhadores e, por isso, por diversas vezes, classificados como irresponsáveis e alheios ao mundo real. É sabido que, na sociedade contemporânea, algumas vezes, tem-se uma concepção de que artistas, de forma generalizante, são preguiçosos, boêmios e incapazes até de ter o seu próprio sustento. Contudo, é possível que essa visão errônea aconteça porque a música seja para a maioria das pessoas apenas uma forma de entretenimento, e a bem da verdade, em algumas sociedades para a impressão de que aqueles que trabalham com entretenimento, em geral, não sejam pessoas sérias, compromissadas ou conscientes dos assuntos cotidianos importantes da sociedade.

Desse modo, essa herança de pensamentos preconceituosos vem desde as épocas imperiais, com os bobos da corte ou mesmo os palhaços em apresentações circenses. Esses profissionais, que levavam e ainda levam alegria e descontração às pessoas, eram (e ainda são) vistos como pessoas sem compromisso. Com isso, há ainda hoje essa confusão entre o personagem, entre o profissional e entre a pessoa em si.

Todavia, segundo os artistas e músicos, a maioria deles estão realizados em suas profissões, simplesmente por que fazem o que amam, podem viver o seu sonho de maneira real, divertem enquanto trabalham e se divertem trabalhando. Sendo assim, dificilmente veremos um músico, um ator, um pintor ou um bailarino demonstrando insatisfação ou com feições rabugentas enquanto exercem suas funções. Eles afirmam que, isso simplesmente só é possível porque o poder das artes é tão divinal, que como um bálsamo, alivia todas as dores da alma, todo o estresse, toda a tristeza e assim afugenta qualquer sentimento ruim dos nossos corações.

É notório, que o músico tem na linguagem musical uma linguagem universal; assim como a ciência com o latim e a matemática com os números. As partituras, que são a linguagem musical, são as mesmas em todo o mundo e é comum a comunicação entre músicos de nacionalidades distintas, que seriam incapazes de se comunicar verbalmente, acontecer perfeita e graciosamente, quebrando qualquer barreira geográfica, cultural e verbal. Assim sendo, quando normalmente ter-se-ia uma tarefa quase impossível de comunicação, a linguagem musical institui ordem e torna possível a comunicação, a qual tem como origem, a ideia de partilha. Como citou o notável Tristão da Cunha, “Não há nações sem música. A música é como o pão – elementar e santa, é de todos” (CUNHA, 1980, p.39). Portanto, segundo alguns religiosos, o músico tem uma relação completamente espiritual com a música, suas emoções e desejos são trazidos à tona, quase sempre sem controle, sem culpa e genuinamente verdadeiros. A emoção causada pela música não engana.

De modo empírico, as lembranças de acontecimentos passados, muitas vezes, surgem-nos simplesmente ao ouvir de súbito alguma canção ou melodia que nos é familiar. Esses sentimentos, que podem ser bons, ruins ou neutros; segundo os músicos, expressam o poder que a música tem; e em uma mesma canção, algumas vezes podemos ter um momento de alegria e, em outro, de tristeza, ou apenas de reflexão. Sendo assim, a música tem a propriedade de nos atingir emocionalmente de maneiras distintas, quase sempre a depender daquilo que estamos vivendo e sentindo no instante em que a ouvimos.

Em suma, diante de todas essas experiências e emoções que afetam a todos, o músico tem um papel fundamental no universo, pois é ele o profissional que torna possível todas essas experiências e emoções que nos tocam por meio da arte musical.

Como disse o compositor Ludwig Van Beethoven: “A música é a revelação mais alta do que qualquer sabedoria ou filosofia. Devia inflamar o coração do homem e trazer lágrimas aos olhos da mulher”(BEETHOVEN, 1980, p.43). Assim, de acordo com a opinião dos músicos, fazer música, seja tocando ou cantando, é uma experiência apaixonante. Qualquer pessoa, que consiga quebrar essa barreira entre ser apenas um ouvinte e apreciador, e experimentar tocar um instrumento musical, dificilmente conseguirá deixar de se maravilhar ao fazer música. Por isso, é manifesto que a música desenvolve um fascínio na maioria das pessoas. E, dentro dessa ótica, tal fator, nas igrejas, não é diferente. Essa ideia explica o interesse de muitos em música, mesmo em um tempo tão tecnológico e desenvolvido, tornando-a uma arte atemporal e especial. Afinal, segundo os músicos, se é bom ouvir e sentir a música, melhor ainda é poder tocá-la e produzi-la.

## **O CHAMADO MINISTERIAL**

De acordo com os religiosos, o artista cristão tem uma responsabilidade maior que o artista secular<sup>2</sup>, porque o artista cristão tem um chamado de Deus para cultuá-lo e servi-lo, enquanto o artista secular tem suas considerações baseadas apenas na arte, no econômico e no aspecto profissional. Segundo eles, o artista cristão deve ponderar e entender o seu papel na adoração, sendo humilde principalmente, percebendo que sua função é apenas mais uma nas igrejas, não cabendo sentimentos de posição especial. Muitas vezes, os artistas cristãos por estarem em uma posição de destaque no momento do culto, nutrem em si um sentimento de vaidade e não entendem o papel de mensageiros que são. Eles muitas vezes preocupam-se com suas performances e aparência diante da igreja; querendo ser admirados e agraciados com elogios, e, portanto, esquecem-se do motivo principal de ali estarem. Noland afirma que:

Infelizmente, todo artista de um modo ou de outro herda a mentalidade de autopromoção e nós, artistas cristãos, a carregamos conosco para dentro da igreja. Parte dessa velha natureza mostra sua cara feia de tempos em tempos e pode emperrar a eficácia de nosso ministério. Isso também explica por que a atitude de humildade e serviço não são gestos naturais em nós. (NOLAND, 2009, p. 14)

Dessa forma, por não perceberem sua responsabilidade e sem a humildade e maturidade que são necessários para o chamado, muitos músicos cristãos estão abandonando

---

<sup>2</sup>O termo Artista Secular, refere-se aos artistas que trabalham com músicas não religiosas.  
UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v.3, n 2, jul.-dez., 2015

o Reino de Deus. São inúmeros os casos de artistas que abandonam a igreja e o chamado e se rendem as tentações e ao *glamour* do mundo secular. Alguns casos são conhecidos, por exemplo, Aretha Franklin, Whitney Houston, Elvis Presley, e no Brasil, Ângela Maria, Naldo, Negra Li, e etc.

Todavia, de acordo com os músicos cristãos, esse êxodo musical – por assim dizer – não deve ser justificado apenas como um despreparo por parte dos artistas. Muitos deles sentem-se desvalorizados em suas igrejas e embora todos saibam da importância deles, são raras as igrejas que investem em seus músicos e os valorizam como profissionais. Muito pelo contrário, exigem deles um posicionamento pessoal e espiritual exemplar, porém, não dão o suporte necessário para que eles tenham pelo menos suas necessidades básicas garantidas. Os músicos profissionais, que garantem o seu sustento através de seus instrumentos são comumente discriminados e advertidos por pastores e membros das igrejas cristãs por se apresentarem com artistas e bandas seculares. Os líderes cobram deles uma mudança de vida e atitude, mas não ponderam o dano familiar que isso pode causar, apenas os julgam, dizendo que estão trabalhando para “o mundo” e que deveriam apenas tocar músicas cristãs evangélicas.

Contudo, de acordo com os músicos cristãos, dizer que não podem trabalhar em bares ou em shows seculares, com a justificativa de que estão fazendo um trabalho impuro e não abençoado, abre o precedente para que as demais profissões também sejam julgadas. O que dizer dos garçons, que trabalham em bares, restaurantes e festas servindo bebidas alcoólicas? Ou o advogado que defende o assassino e corrupto nas ações judiciais? O médico que salva vidas sem separar cristãos de não cristãos, ou pastores de traficantes? O funcionário de uma fábrica de cigarros, ou de uma fábrica de armas; o vendedor que trabalha em uma loja de artigos de Candomblé, ou a diarista que ganha o seu dia trabalhando na casa de uma pessoa que segue a religião espírita Kardecista.

Diante desses preconceitos, alguns desses fiéis ainda associam os músicos à velha imagem do sexo, drogas e *rock'n roll* e, com esse comportamento, rotulam-se os artistas geralmente como imorais e promíscuos, incapazes de ter uma vida reta e decente aos olhos do comportamento estabelecido pelas regras de conduta da igreja cristã. Todavia, é dado que diversas criações significativas musicais e artísticas, em geral, foram compostas e executadas em sua expressão máxima, por artistas sem nenhum comprometimento com a “ordem e decência” impostas por uma religiosidade casta e puritana. Fundamentando esse raciocínio, o

UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v.3, n 2, jul.-dez., 2015

autor John Blanchard diz que: “Precisamos tomar muito cuidado antes de condenar qualquer espécie de expressão artística por causa do estilo de vida daqueles que a produzem ou interpretam. Se levássemos tal filosofia a extremos estaríamos vivendo um deserto cultural.” (BLANCHARD, 2005, p.74)

Julgar e condenar previamente torna-se fácil quando convém, mas, segundo os músicos cristãos, devemos analisar sempre a situação como um todo. Os artistas cristãos dedicam anos de suas vidas para o seu ofício; assim como as demais profissões, ser um músico profissional demanda tempo, investimento e anos de estudo. O caminho percorrido pelos músicos seculares e os músicos cristãos no que tange o aprendizado, é o mesmo. A teoria musical, o estudo de harmonia e ritmos, a formação acadêmica, são exatamente os mesmos, sem diferenças.

Como consequência dessas discordâncias, vemos as igrejas exportando músicos talentosos para o mundo, não obstante aos preceitos cristãos, o sentido deveria ser o contrário. A igreja deveria importar músicos seculares para a obra de Deus, cumprindo um importante trabalho de evangelização, resgatando almas e sendo à diferença no mundo. Segundo os músicos e artistas cristãos, se apoiados fossem em seu ministério, eles não necessitariam de buscar fora da igreja o reconhecimento por sua dedicação que tanto almejam. Contudo, esse apoio não é apenas financeiro, pois, é evidente que muitas igrejas passam por dificuldades dessa ordem, mas em relação às facilidades que poderiam ser criadas para o que o artista cristão exercesse seu chamado. Conforme se ouve deles, em algumas denominações há tantas barreiras doutrinárias para os artistas cristãos, que elas quase sempre afugentam os calouros ao cargo de músicos e artistas da igreja. E como justificativa a essas doutrinas, as igrejas quase sempre usam termos como: “responsabilidade”, “compromisso com Deus e com a Igreja”, “adaptação” e “integração”. Todavia, justas são as argumentações, porém é indubitável que um equilíbrio doutrinário se faça necessário, uma vez que, essas doutrinas e cobranças por parte das igrejas, resultam às vezes em efeito contrário; em vez de aproximar e acolher os afastam e os afugentam.

## **O MERCADO CRISTÃO ATUAL**

É dado que a música cristã é um negócio em ascensão. Com o trabalho eficaz realizado pelas igrejas na popularização do meio evangélico com programações televisivas e

UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória-ES, v.3, n 2, jul.-dez., 2015

radiofônicas exclusivas, a necessidade de produtos de consumo para esse público aumentou consideravelmente. Lojas de roupas e artigos exclusivos para evangélicos foram criados. Livrarias, danceterias e até “*sex-shops*” fazem parte dessa lista. A música, como um produto de fácil mercado, consumida por todos e garantida por um número (ainda) baixo de pirataria no meio evangélico, comparado ao do mercado secular, despertou o interesse das grandes gravadoras e produtoras fonográficas de todo o país. Segundo alguns dados da Federação Internacional da Indústria Fonográfica:

Desde o fim dos anos 1990, o mercado de música enfrenta uma crise sem precedentes. No Brasil, de acordo com dados da Federação Internacional da Indústria Fonográfica (IFPI, na sigla em inglês), 45% das músicas são consumidas a partir de downloads ilegais e 52% dos discos vendidos são piratas. Mas há no cenário pouco animador uma ilha de bonança: o mercado gospel. Entre vendas de discos e de DVDs e a produção de grandes festivais, o segmento movimentou em 2010 cerca de 1,5 bilhão de reais, patamar que deve crescer 33% este ano, e chegar a 2 bilhões de reais, de acordo com uma pesquisa de mercado de uma gravadora do setor. Segundo a Associação Brasileira de Produtores de Discos (ABPD), o gospel é o segundo gênero musical mais consumido no país, atrás apenas do inquebrantável sertanejo, abocanhando uma parcela significativa dos 500 milhões de reais movimentados anualmente com a venda de CDs (LEVINO, Música gospel, trinados, fé e dinheiro).

Como todo mercado musical e artístico, o desejo de fama, enriquecimento e poder por parte dos artistas, refletem e influenciam esse mesmo comportamento no meio evangélico. A gravação de discos e lançamentos de novos artistas para alimentar esse mercado em constante crescimento, acaba trazendo consigo o aumento também de eventos especializados para esse mercado. Mega shows são produzidos, caravanas de evangelização são feitas e, segundo os organizadores e promotores desses eventos: “tudo é feito em nome de Deus”. Artistas são tratados como verdadeiros *Rock-Stars*; camarins com lista de exigências, fotos e autógrafos limitados, cachês com valores astronômicos, transportes e hospedagens exclusivas. Todo esse “*glamour*” com a justificativa de levar “a palavra de Deus” a todos. Dessa maneira, fica muito difícil distinguir qualquer diferença entre artistas cristãos e artistas seculares. Em nome da fama, esses artistas fazem de tudo. São notáveis os diversos artistas em evidência nos dias de hoje, que tentaram antes seguir carreira no meio musical secular, e ante o fracasso, partiram para o segmento religioso.

Todavia, segundo os músicos cristãos, transformações verdadeiras acontecem, afinal, de acordo com eles, o chamado de Deus é poderoso e milagres acontecem. Contudo, diante do

comportamento de alguns artistas cristãos vistos nos dias de hoje, em nada se diferem dos comportamentos dos artistas que se encontram fora do segmento religioso. Uma pergunta inevitavelmente surge: os artistas cristãos, que se comportam semelhantemente aos artistas seculares, trabalham por amor a Deus ou a si mesmos?

## **A SANTIFICAÇÃO**

Segundo as tradições cristãs, as igrejas são as pessoas que a compõem, sendo fiéis ao serviço cristão e sem vacilar na fé. Embora pareçam raras, essas igrejas e pessoas ainda existem, qual seja, pessoas verdadeiramente santificadas, dificilmente se corrompem com as artimanhas do mundo. O autor Liasch Filho, alerta: “Observe-se que a decadência espiritual de qualquer pessoa se faz notar quando, antes de tudo, perdendo o interesse pelas coisas de Deus, por exemplo, a leitura da Palavra, a oração e a frequência aos cultos, ela começa a deixar o primeiro amor, o amor a Cristo” (LIASCH FILHO, 2000, p.70)

Destarte, e segundo os fiéis cristãos, é notável que assim como os artistas cristãos, muitos crentes estão se afastando dos caminhos do Senhor, entregando-se, por exemplo, ao dinheiro, ao materialismo, ao mundanismo, ao sexualismo, etc. Com isso, é notório que essa fragilidade ao se desviar dos caminhos do Senhor por coisas tão banais venha a prescindir de tão gloriosa divindade, portanto, consoante a Bíblia, como resistirá o fiel cristão, quando as grandes tribulações vierem, quando serão perseguidos e odiados por todos por causa do nome de Jesus?

Pelo termo santificação, segundo as tradições cristãs, significa separação, ou seja, o cristão como separado que é não deve amar as coisas desse mundo. Desse modo, os cristãos não podem ser santos se buscarem nas coisas do mundo um espelho para suas vidas e igreja. Os ditos artistas cristãos, seguindo esse raciocínio, encontram-se contaminados pelos desejos do mundo, e as igrejas, que deveriam fazer a diferença, contaminadas também estão. Assim, os cultos cristãos são desenvolvidos como verdadeiros espetáculos de audiovisual, onde “a palavra de Deus” torna-se um mero detalhe. Mesmo assim como os evangélicos expõem, a solução é notoriamente simples: deve-se voltar ao primeiro amor e buscar fazer a diferença no mundo; os artistas devem ser criativos e louvarem a Deus de todo o coração. A Igreja deve rever os seus conceitos doutrinários antigos e valorizar os artistas bem como todos os

envolvidos em sua obra para que, cada vez mais, pessoas tenham acesso aos ensinamentos de Jesus Cristo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A música é uma ferramenta atemporal e belíssima e segundo a tradição cristã, capaz de elevar sentimentos humanos a Deus. Contudo, a música por si só não tem caráter, visto que, não existe música santa e música profana. Somos incapazes de diferenciar um lá maior profano de um lá maior sagrado, simplesmente porque isso não é possível. Um instrumento musical é uma ferramenta nas mãos de quem o está tocando, portanto, em uma análise musical não há a possibilidade de diferenças entre o profano e o sagrado.

Todavia, como linguagem a música se destina a muitos propósitos. Ela pode falar sobre o amor entre um homem e uma mulher, pode falar sobre amizade, pode falar sobre as belezas da natureza; ainda, pode expressar valores morais e éticos; pode mostrar, através dos hinos, gratidão e orgulho nacionalistas e também pode exaltar a glória de Deus. Desse modo, como expõe o músico João Alexandre; “A música é a expressão dos sentimentos humanos através dos sons.” (ALEXANDRE, 2007, p.12)

Portanto, segundo os músicos cristãos, a sua função está muito além da de simples executante. Estar preparado emocionalmente e espiritualmente são pressupostos para essa função. Logo, não pode haver entre os artistas cristãos uma soberba ou sentimento de especialidade em função de sua posição. O músico, cantor, bailarino ou qualquer outra pessoa que desempenhe alguma função artística, deve ter ciência de sua responsabilidade, porém, deve saber também que sua posição é apenas mais uma na igreja, não havendo distinção nem preconceitos com as outras funções eclesiais.

Todavia, muitos são os artistas que não conseguem manter-se humildes e conscientes de seu papel; diante de elogios que massageiam o seu ego, colocam-se em posições elevadas diante de outras pessoas. Dessa maneira, é notável um aumento de ego diretamente proporcional ao crescimento de sua fama, por isso, tantos são os casos de estrelismos no meio musical e artístico cristão. Provavelmente as consequências dessa espetacularização dos cultos e eventos religiosos, demonstram de modo figurado, igrejas cada vez mais cheias de pessoas



vazias e o mundo secular fazendo a diferença na igreja, quando segundo eles, na verdade, deveria ser o contrário.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

ALEXANDRE, João; GARRUTI FILHO, Luciano. *Músico: profissão ou ministério?* [S.l.: s.n.] [2007?], p. 12.

BLANCHARD, John. In; BAGGIO, Sandro. *Música cristã contemporânea*. São Paulo: Vida, 2005.

BEETHOVEN, Ludwig. In; PÂNDU, Pandiá. *O livro das Citações e Frases Célebres*. São Paulo: Ediouro, 1980, p. 43.

CUNHA, Tristão da. In; PÂNDU, Pandiá. *O livro das Citações e Frases Célebres*. São Paulo: Ediouro, 1980, p. 39.

LIASCH FILHO, Pedro. *Músicos de Cristo*. São Paulo: Reviva, 2000, p. 22-70.

NOLAND, Rory. *A vida do artista: esperança nas relações entre o artista e a Igreja*. São Paulo: W4 Editora, 2009, p. 12-14.

PAHLEN, Kurt. *História Universal da Música*. Tradução A. Della Nina. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1961?], p. 81-82.

Sítios eletrônicos visitados: LEVINO, Rodrigo. *Música gospel: trinados, fé e dinheiro*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/musica-gospel-trinados-fe-e-dinheiro>>. Acesso em: 12 abr. 2015.